



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS**

NATHÁLIA BATISTA ALVES GONÇALO

**A RESISTÊNCIA AOS VALORES PATRIARCAIS NA LITERATURA DE AUTORIA
FEMININA: UMA ANÁLISE ENTRE AS PERSONAGENS JANE EYRE E MAGGIE
TULLIVER**

**CAMPINA GRANDE - PB
2017**

NATHÁLIA BATISTA ALVES GONÇALO

**A RESISTÊNCIA AOS VALORES PATRIARCAIS NA LITERATURA DE AUTORIA
FEMININA: UMA ANÁLISE ENTRE AS PERSONAGENS JANE EYRE E MAGGIE
TULLIVER**

Artigo apresentado como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Inglesa na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Literatura, sob a orientação do Prof. Esp. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha.

**CAMPINA GRANDE - PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G635r Goncalo, Nathalia Batista Alves.
A resistência aos valores patriarcais na literatura de autoria feminina: Uma análise entre as personagens Jane Eyre e Maggie Tulliver [manuscrito] : / Nathalia Batista Alves Goncalo. - 2017.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Esp. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Escrita feminina. 2. Sociedade patriarcal. 3. Literatura e crítica.

21. ed. CDD 801.95

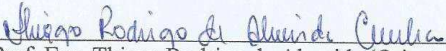
NATHÁLIA BATISTA ALVES GONÇALO

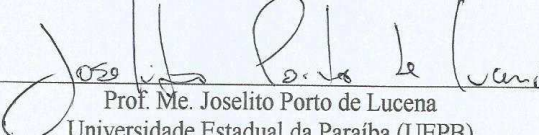
A RESISTÊNCIA AOS VALORES PATRIARCAIS NA LITERATURA DE
AUTORIA FEMININA: UMA ANÁLISE ENTRE AS PERSONAGENS JANE EYRE
E MAGGIE TULLIVER

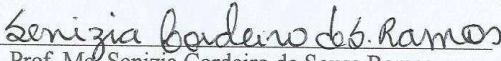
Artigo apresentado como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Inglesa na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Literatura, sob a orientação do Prof. Esp. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha.

Aprovada em: 5 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Esp. Thiago Rodrigo de Almeida (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Joselito Porto de Lucena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Senizia Cordeiro de Sousa Ramos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 10,0

À minha família e amigos que sempre torceram pelo
meu sucesso, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força, paciência e discernimento para enfrentar as dificuldades encontradas durante essa trajetória, fazendo com que eu atingisse essa conquista.

Ao meu pai Expedito e à minha mãe Agricelina por não medirem esforços para me dar uma boa educação, acreditando sempre no meu potencial e me apoiando em todas as decisões. Sou muito grata pela família que Deus me deu, quero que vocês, meus pais e meu irmão Alessandro, saibam que foram essenciais pela pessoa que sou hoje; Agradeço por terem respeitado meu espaço quando precisei, oferecendo toda calma, amor e força até mesmo quando estavam em silêncio.

Aos meus amigos, em especial à Anna karolina (Aninha) e Rayanne Vieira por fazerem parte da minha vida, me oferecendo todo o carinho, lealdade e momentos especiais que uma amizade pode ter, mas, acima de tudo, pela paciência comigo e por todo o apoio durante esses anos.

Aos meus colegas de classe e demais amigos que fiz pela universidade pelos ensinamentos compartilhados, pela amizade e pelos momentos de descontração, em especial à Dayana Sury, que mesmo não estudando comigo, me ajudou e me acompanhou na busca dessa conquista, e à Fabiana Ferreira, por me servir de inspiração pela sua dedicação e amor no ato de ensinar, e por sempre poder contar com sua ajuda nos trabalhos.

À Helbert Calixto que eu já conhecia desde pequena, estudamos por vários anos juntos, e foi com quem também pude novamente estudar e batalharmos juntos durante toda essa graduação, obrigada pela sua amizade e por toda ajuda fornecida.

À Professora Leni Peixoto por ter sido minha primeira inspiração, por acreditar no meu potencial e por me incentivar na busca deste sonho.

Quero agradecer aos professores de literatura que tive durante minha graduação, respectivamente, Valécio Irineu, Sudah Swarnakar e Raghuram Sasikala (Sashi), pois através de suas aulas tão bem ministradas, me fizeram se apaixonar por essa área tão fantástica, me permitindo enxergar a literatura por vários ângulos e influenciando diretamente no desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço ainda a professora Sashi por ter

me guiado na escolha do tema, bem como o material disponibilizado para que eu realizasse esta pesquisa.

A todos os professores do curso de Letras Inglês que tive a oportunidade de estudar e que passaram seus conhecimentos de uma forma brilhante, contribuindo para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Agradeço também às escolas que me aceitaram como estagiária, aos professores e alunos que por lá encontrei, agradeço-lhes pela confiança no meu trabalho e por permitirem que eu aprimorasse meus conhecimentos a partir da vivência com vocês.

Ao meu orientador Thiago Almeida por ter me aceitado como orientanda, pela confiança depositada em mim, por toda paciência e empenho que demonstrou ter comigo nessa última etapa. Também sou grata aos professores Joselito Lucena e Senízia Cordeiro por aceitarem fazer parte da minha banca.

Por fim, agradeço à UEPB e aos funcionários, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

A todos vocês aqui citados e por todos aqueles que se orgulham de mim e torcem pelo meu sucesso, deixo meus sinceros agradecimentos. Deus abençoe a vida de todos vocês!

“Não há barreira, fechadura ou ferrolho que possas impor à liberdade da minha mente.”

Virgínia Woolf

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
2 O papel da mulher na Era Vitoriana	09
2.1 Autoria feminina vitoriana e as fases na literatura	10
2.2 O papel problemático das mulheres em uma cultura dominada por homens	11
2.3 Direitos das Mulheres	13
3 A luta pela independência na trajetória das personagens Jane Eyre e Maggie Tulliver na sociedade vitoriana	13
4 Semelhanças e diferenças entre as personagens Jane Eyre e Maggie Tulliver	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24

A RESISTÊNCIA AOS VALORES PATRIARCAIS NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA: UMA ANÁLISE ENTRE AS PERSONAGENS JANE EYRE E MAGGIE TULLIVER

Nathália Batista Alves Gonçalo*

RESUMO

O presente artigo visa analisar as protagonistas Jane Eyre e Maggie Tulliver nos romances *Jane Eyre* (1847) e *The Mill on the Floss* (1860), a fim de constatar que as características das protagonistas remetem à segunda fase da literatura de escrita feminina, a fase feminista, proposta pela crítica e ensaísta norte-americana Showalter (1986). Tomamos como pressuposto o papel da mulher na sociedade patriarcal do século XIX, assim como sua inserção na produção da literatura, para que assim possamos verificar como se expressa algumas das principais representantes da literatura de escrita feminina na Era Vitoriana, respectivamente, Gilbert e Gubar (1984) e Wollstonecraft (2004). Por fim, a análise nos possibilita enxergar que, durante todo o enredo dos romances, estavam presentes alguns protestos contra os valores da época, permitindo conhecer o momento histórico no qual os romances foram escritos, bem como as críticas das autoras à sociedade vigente.

Palavras-chave: Escrita Feminina. Sociedade Patriarcal. Literatura e Crítica.

INTRODUÇÃO

O feminismo é uma doutrina que pretende garantir a igualdade de direitos civis e políticos entre a mulher e o homem. As proposições feministas que surgiram dos movimentos femininos foram incorporadas por diversos campos do saber, em especial pelas Ciências Sociais, pela História, Filosofia, Literatura e Psicologia. Foi através das conquistas e ideologias desse movimento, que surgiu outra abordagem direcionada para leitura, que foi a interpretação e crítica dos textos literários, a chamada crítica feminista.

Através do estudo de obras e da vida de romancistas femininas de 1840 até os dias atuais, a crítica literária Showalter (1985), dividiu a subcultura da literatura feminina em três estágios: a primeira, chamada de feminina, fase que se observa a imitação e a internalização dos valores patriarcais; a segunda, feminista, que estão presentes os protestos contra os

* Aluno de Graduação em Letras hab. Língua inglesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: nlalves20@gmail.com

valores da época, assim como a defesa dos direitos e valores da minoria; e por último a fase fêmea que é marcada pela autodescoberta e pela busca da identidade própria.

Diante disso, surgem escritoras com o desejo de liberdade, de romperem o silêncio, e expressarem suas opiniões. Essas escritoras passaram a criar personagens femininas, que, mesmo conscientes do estado de submissão e dependência à ideologia patriarcal, criticavam essa sociedade da época.

A obra *The Mill on the Floss* (1860) de George Eliot, assim como *Jane Eyre* (1847) de Charlotte Brontë, apresentam personagens principais, nas quais, através de suas interações sociais com o outro, observamos fortes críticas ao modelo social patriarcal. Essas atitudes são comparadas à chamada fase feminista (*feminist*), proposta por Showalter (1985). Dessa forma, este artigo tem como objetivo principal apresentar alguns aspectos feministas, partindo de trechos das obras *The Mill on the Floss* e *Jane Eyre*, através das características e atitudes das personagens principais, respectivamente, Maggie e Jane Eyre, assim como suas relações com alguns personagens da obra. Será utilizado também os estudos de gênero realizados por Gilbert e Gubar (1984) para mostrar a inquietação das personagens perante a sua condição de vida, bem como a crítica utilizada no enredo que exemplifica a luta pela igualdade dos direitos apresentado por Woolstonecraft (2004).

Sabendo da importância da Literatura e a dificuldade de inserção das mulheres nessa área, é de grande importância analisarmos toda essa trajetória de luta e fazer um estudo comparado apontando as semelhanças e diferenças nas obras citadas anteriormente, permitindo ampliar nosso conhecimento não só sobre a cultura da época, mas ter um olhar crítico para os assuntos abordados.

2 O papel da mulher na Era Vitoriana

Antes de discutirmos como foi o processo de inserção das mulheres na produção da literatura, vamos analisar como eram as divisões dos papéis sociais, através do contexto histórico e sócio ocidental do século XIX. O período vitoriano foi a época marcada pelo governo da Rainha Vitória na Inglaterra de 1837 a 1901, em meados do século XIX. Um período de bastante importância para o povo britânico, pois durante o seu reinado, o país prosperou em diversos quesitos como no avanço da ciência, no crescimento do comércio exterior e na cultura.

A sociedade da Era Vitoriana era baseada em moralismos e disciplina, que se fossem quebradas demandariam proibições severas. A base moral da sociedade caracterizava-se como puritano, prezando os bons costumes e os deveres da fé.

O perfil da mulher nessa época foi traçado pela exigência de um “anjo do lar”, uma guardiã que combateria tudo aquilo que ameaçasse o equilíbrio e harmonia do seu lar. Monteiro (1996) já dizia:

Uma base que refletisse solidez e estabilidade. Esta base, naturalmente, era o lar, e como seu representante elegeu-se alguém com qualidades de guardião da moral e da castidade. A exigência de um anjo do lar fez nascer a mulher vitoriana (p.61).

Sendo assim, por terem uma vida privada ao lar, as meninas eram educadas desde pequenas a serem boas donas de casa. Aprendiam a costurar, ler, escrever, fazer contas, falar francês (e, se possível, italiano), tocar piano. As mulheres de classe média alta, por não poderem ou não quererem mais ensinar seus próprios filhos, recorriam aos pensionatos da moda, ou contratavam preceptoras e governantas para essa tarefa.

Visto que o casamento era sinônimo de estabilidade, as donzelas de famílias ricas tinham casamentos arranjados pela família, baseados em interesses econômicos: O amor era algo supérfluo. Já as moças que tinham uma boa educação, mas não possuíam dote para um casamento, só as restava trabalhar como governantas. Em outras palavras, Maria Conceição Monteiro afirma que:

A principal função da preceptora era dar aos seus pupilos uma orientação moral e social. Por agir dentro de um ambiente refinado, próprio de uma *lady*, era necessário que a preceptora, como substituta da mãe, fosse uma *gentlewoman*. Em geral, ela era filha de pároco ou alguém da própria família, como uma prima ou sobrinha (MONTEIRO, 1996, p.62).

Ainda assim, a figura da preceptora nem sempre era vista com bons olhos, pois as famílias temiam que as governantas pudessem despertar em suas filhas uma onda de revolta, através de novas ideias que contrariassem os valores construídos pela burguesia.

2.1 Autoria feminina vitoriana e as fases na literatura

A Revolução Industrial foi um fator de grande importância na história, um verdadeiro divisor de águas, não só trazendo mudanças no campo social, político e econômico, como já fora citado no tópico anterior, mas essa mudança também serviu para que as mulheres

tivessem uma consciência crítica acerca de sua posição social. Então, cansadas de serem tratadas como inferiores, decidiram começar a escrever a fim de expressar suas vontades e também como forma de influenciar os leitores (KOLLE, 2011, p.4).

Através dos dilemas trazidos pelos papéis de gêneros tradicionais Vitorianos, acreditavam que as mulheres eram inferiores fisicamente e biologicamente aos homens, sendo incapazes de criar uma obra literária digna, pois o homem era visto dentro da vida pública e, a mulher, da vida doméstica. Sendo assim, por estarem restritas a essa esfera doméstica, eram obrigadas a escrever romances.

A literatura de escrita feminina ainda era vista com bastante preconceito, então, para terem suas obras publicadas, muitas autoras criavam pseudônimos masculinos como Currer Bell e Marry Ann Evans, respectivamente, Charlotte Brontë e George Eliot.

Showalter (1986) argumenta que os heróis e heroínas das romancistas femininas tendiam a refletir o desejo das escritoras em contestar os valores tradicionais da Era Vitoriana. Para criticar essa sociedade, muitas escritoras lançaram livros focalizando isso, criando personagens femininas que combinavam qualidades masculinas de força e inteligência, com qualidades femininas de sensibilidade e domesticidade. Seus personagens principais, que tendiam a ser impossivelmente bons ou improvavelmente monstruosos, projetaram em seus autores o desejo para liberdade e o poder masculino.

Em *A Literature of their own* (1986) Showalter, uma das figuras principais da crítica literária feminista americana, examinou a literatura produzida por escritoras inglesas entre 1850 até cerca de 1960, enquanto traça as semelhanças dessa subcultura literária feminina para outras subculturas literárias, na qual ela divide em três grandes fases: *Feminine*, *Feminist* and *Female*.

A primeira fase, chamada de fase feminina (*feminine*) (1840-1880), é aquela em que as mulheres imitam os valores da cultura dominante na época e internalizam essas ideias sobre arte e sociedade. Na fase feminista (*feminist*) (1880-1920), as mulheres protestam contra esses valores dominantes patriarcais e defendem seus próprios direitos e valores da minoria. A terceira, a fase fêmea ou “da mulher” (*female*) (1920 em diante), é marcada pela autodescoberta e pela busca da identidade própria.

2.2 O papel problemático das mulheres em uma cultura dominada por homens

Em *The Madwoman in the Attic: The Woman writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination* (1984), Gilbert e Gubar argumentam que a releitura de escritoras como

Jane Austen, Charlotte Brontë, George Eliot, e Emily Dickinson levaram a identificar uma tradição literária feminina em que a imagem central desta definição provou ser um confinamento, tanto literal quanto literário, e os autores na tradição partilhavam de um impulso de buscar a liberdade subvertendo definições patriarcais de si mesmo, arte e sociedade.

As autoras também nos mostram, em um conceito ocidental central do autor/autoridade, em que iguala o falo à caneta, e faz com que as escritoras se tornem o ‘homem das letras’, o pai e dono do texto. Nesse sentido, apesar de não existir criação na ausência da figura feminina, esta é vista apenas como receptora do ato criativo, pois é o homem que tem o falo, então, é a ele que pertence e a quem cabe o uso ativo do instrumento de criação. Com isso, as escritoras teriam que transpor os limites do estereótipo feminino idealizado pela sociedade da época e superar a ideia culturalmente construída de criação e superioridade masculinas. O efeito desse controle metafórico e prático do texto, é a condenação das mulheres em imagens de anjos e monstros, fazendo com que, nesse processo, a atividade literária gera uma angústia intensa às mulheres.

Retomando esse estereótipo criado pelo olhar masculino de que as mulheres representam a figura de anjos e monstros, inicialmente apresentados por Gilbert e Gubar (op. cit.), vemos também a ideia apresentada por Wiechmann (2007) em *A crítica literária feminista e a autoria feminina*, a autora retoma o contexto histórico e social ocidental do século XIX para mostrar a divisão dos papéis sociais, que tínhamos a figura masculina como centralizadora da autoridade e, conseqüentemente, definidora dos papéis temáticos envolvidos nas relações de gênero.

Com isso, a representação angelical da mulher é associada à Virgem Maria, pois remete pureza, bondade e delicadeza. A mulher angelical é aquela que está sempre em casa cuidando do lar e da família e agradando ao marido ou a qualquer figura do sexo masculino que prevaleça na casa. O que gera uma total submissão da mulher à figura masculina, uma ausência de autonomia, e limita, evidentemente, a criatividade feminina (WIECHMANN, 2007, p.6).

No caso da mulher-monstro, refere-se às mulheres que assumem características tradicionalmente masculinas, como a autoridade, a força e a iniciativa sexual. Com isso, o ato de criação é visto como algo essencialmente masculino no patriarcado, em que essa autoria está intrinsecamente ligado com a questão de gênero, uma vez que a escrita é um ato criador e criativo, o que faz da pertença ao gênero masculino ou feminino um fator indissociável da

obra literária, e que, essa criatividade literária exercida pela mulher-monstro é vista pelo olhar masculino como resultado de frustração amorosa/sexual (WIECHMANN, 2007, pp. 7-8).

2.3 Direitos das Mulheres

Mary Wollstonecraft foi uma escritora inglesa do século XVIII, esteve entre os primeiros a direcionar a atenção para a situação das mulheres. Em *A Vindication of the Rights of Woman*, Wollstonecraft (2004) usa um forte argumento, reivindicando o estabelecimento de igualdade jurídica, política e social entre homens e mulheres, falando com vigor sobre a opressão da mulher. Ela explica que homens e mulheres são moralmente e intelectualmente (se não fisicamente) iguais. Portanto, eles são igualmente intitulados aos mesmos “direitos naturais”.

A autora utiliza o argumento religioso de que homens e mulheres têm sido criados à imagem do “Ser Supremo”, e assim tem sido igualmente dotados de razão, o que ela vê como um atributo que define os seres humanos para além dos animais, mas que a razão não é simplesmente uma prova de humanidade ou de superioridade da humanidade sobre o resto da criação; é um dom divino por meio do qual os seres humanos podem alcançar o conhecimento, adquirir virtude, e finalmente aperfeiçoarem-se espiritualmente e moralmente. A igualdade “espiritual” é que garante tanto a igualdade moral quanto intelectual, e é o princípio básico pelo qual Wollstonecraft constrói seu argumento pelos direitos das mulheres.

Wollstonecraft argumenta ainda que o fato de que metade da humanidade tem sido forçada a uma posição abaixo do padrão de criaturas racionais não é apenas errado, é uma afronta contra Deus. Com isso, entra aí seu maior argumento em favor dos direitos das mulheres, que é o direito à educação, pois seria imoral deixar as mulheres na ignorância ou serem formadas apenas pelos preconceitos da sociedade. Uma educação que desenvolve a mente é essencial para qualquer criatura mortal, proporcionando às mulheres as oportunidades educativas que lhes permitam pensar e agir como seres morais completos.

3 A luta pela independência na trajetória das personagens Jane Eyre e Maggie Tulliver na sociedade vitoriana

De acordo com a divisão feita na literatura pela crítica literária Showalter (1985), acompanharemos o enredo para analisarmos os aspectos feministas dentro das obras *The Mill*

on the Floss e Jane Eyre, através das suas personagens principais e suas relações com alguns personagens da obra, para observarmos quais eram algumas dessas atitudes que contrariavam às de uma mulher na sociedade vitoriana e assim perceber a crítica que as autoras faziam.

Em uma época da literatura em que a beleza das mulheres eram exaltadas, assim como seus comportamentos delicados diante da sociedade, Charlotte Brontë e George Eliot romperam esse paradigma e criaram heroínas que fugiam desse padrão de beleza. Do início ao fim da obra, Jane Eyre que era órfã e pobre, era sempre vista como alguém desprovida de beleza e acabava sofrendo preconceito por isso. Maggie tinha olhos e cabelos escuros, assim como a pele, e por isso era sempre vista de forma negativa até mesmo pela sua mãe, que chegou a compará-la com sua prima:

Mas seu cabelo não quer enrolar e eu já fiz de tudo, e ela está tão frenética sobre tê-lo enrolado com papel, que eu tive tal trabalho como nunca foi para fazê-la ficar e tive que tê-lo prendido com grampos [...] Parece difícil como minha irmã Deane deveria ter aquela linda criança; Tenho certeza de que Lucy puxou mais de mim, mais do que meu próprio filho (ELIOT, 2000, p.17, tradução nossa).¹

A família de Maggie por parte de mãe, os Dodson, eram um reflexo da família ideal vitoriana, por isso a mãe de Maggie sempre se baseava nos pensamentos de suas irmãs, sempre tentando agradar. Tom se parecia com os Dodson na sua aparência e modos, já Maggie parecia mais com sua família paterna, então era bastante criticada pelas suas tias maternas, como nesse caso em que sua aparência é novamente um alvo:

Eu acho que a menina tem muito cabelo. Se eu fosse você, irmã, eu teria desfiado para perder mais do volume e cortado mais curto; Não é bom para a saúde dela. É isso que torna sua pele tão morena, eu não deveria me surpreender (ELIOT, 2000, p.49, tradução nossa).²

Maggie, por sua vez, tenta revidar aos ataques de sua família e faz aquilo que fora mencionado pela sua tia: "O que eles disseram, Maggie?", Disse Tom, sentindo a curiosidade

¹ But her hair won't curl all I can do with it, and she's so franzy about having it put i' paper, and I've such work as never was to make her stand and have it pinched with th' irons [...] It seems hard as my sister Deane should have that pretty child; I'm sure Lucy takes more after me nor my own child does (ELIOT, 2000, p.17).

² I think the gell has too much hair. I'd have it thinned and cut shorter, sister, if I was you; it isn't good for her health. It's that as makes her skin so brown, I shouldn't wonder (ELIOT, 2000, p.49).

despertar. Maggie respondeu, pegando os fechos da frente e cortando-os diretamente pelo meio da testa " (ELIOT, 2000, p.50, tradução nossa).³

A intenção de Maggie ao cortar os cabelos não era em ficar mais bonita aos olhos da sua família, assim como para a sociedade, mas foi uma forma que a autora usou através de sua personagem para mostrar que uma mulher é muito mais do que sua aparência, Maggie queria ser vista pelas suas qualidades.

Ela pensara de antemão, principalmente, em sua própria libertação de seus cabelos emaranhados e comentários provocadores sobre isso, e algo também do triunfo que ela deveria ter sobre sua mãe e suas tias por este curso de ação decidido; Ela não queria que seu cabelo parecesse bonito - isso estava fora de questão - ela só queria que as pessoas pensassem que ela fosse uma menina inteligente e não achassem defeitos nela (ELIOT, 2000, p.51, tradução nossa).⁴

Depois desse incidente, o que ocorreu foi totalmente o contrário do que Maggie esperava, sua família ficou espantada com esse ato e enxergou como um ato de rebeldia. Aqui entra outro ponto comum entre as personagens Jane e Maggie, que tinham personalidades tão fortes, que desde pequenas eram vistas como rebeldes por serem desobedientes. Em certo momento, Maggie responde à mãe, dizendo que não gosta de cuidar da aparência nem de fazer atividades de meninas, ela preferia ler, adquirir conhecimento, algo que era visto naquele tempo como algo exclusivo dos homens, pois não acreditavam na capacidade intelectual das mulheres.

Essa onda de revolta da personagem Maggie, assim como a de Jane que iremos ler em seguida, quebra a imagem de mulher angelical da sociedade patriarcal, mostrando uma forma de protesto e inquietação perante a sua condição de vida como foi apresentado por Gilbert e Gubar (1984).

Jane também não respeitava os adultos, revidava aos ataques dos primos, e foi justamente em um ataque de fúria que ela teve com seu primo John Reed, cujo primo tinha atitudes tão cruéis com ela, que Jane até diz: “Garoto cruel e perverso! – gritei. – Você parece um assassino, um feitor de escravos... parece os imperadores romanos!” (BRONTË, 2010, p.14).

³ “What are they for, Maggie?” said Tom, feeling curiosity awakened. Maggie answered by seizing her front locks and cutting them straight across the middle of her forehead” (ELIOT, 2000, p.50).

⁴ She had thought beforehand chiefly of her own deliverance from her teasing hair and teasing remarks about it, and something also of the triumph she should have over her mother and her aunts by this decided course of action; she didn’t want her hair to look pretty -- that was out of the question – she only wanted people to think her a clever little girl and not to find fault with her. (ELIOT, 2000, p.51)

A atitude de Jane com seu primo fez com que sua tia, a Sra. Reed, se revoltasse contra Jane a ponto de castigá-la, enviando para um quarto conhecido como *Red Room*, que era um quarto bem escuro e mal assombrando em que Jane fica muito apavorada, grita bastante, fazendo com que sua tia volte e diga que: “Você vai ficar aqui por mais uma hora, e só vai sair quando estiver perfeitamente calma e submissa” (BRONTË, 2010, p.21). Esse incidente deixou um trauma que acompanhou até o crescimento de Jane, causando algumas crises de sofrimento mental, mas foi também através desse local que ela saiu vitoriosa e favoreceu para o seu amadurecimento. Isso é reforçado quando ela avalia a atitude da sua tia: “Mas devo perdoá-la, pois a senhora não sabia o que fazia. Enquanto arrancava as fibras do meu coração, achava que estava apenas extirpando meus maus instintos” (BRONTË, 2010, p.23).

Para se livrar da sobrinha, a Sra. Reed enviou Jane para uma escola só para mulheres em Lowood, onde Jane passou oito anos de sua vida, seis anos como aluna e os últimos dois anos lecionando. Jane pensou que iria escapar dos castigos, mas continuava a sofrer na sua escola, por ter que suportar privações, os abusos das educadoras e, principalmente, pelo diretor do Instituto Lowood, o Sr. Brocklehurst.

Os anos nessa instituição, assim como as amizades que Jane fizera, foram de total importância para o seu amadurecimento, como o da sua fé que foi trazido pela sua amiga Helen Burns. Jane sempre foi uma garota inteligente, mas foi na escola que ela adquiriu uma boa educação, de acordo com a sociedade da época, e assim ela aprendeu a ter mais postura e pensar mais antes de agir.

Maggie Tulliver também era bastante inteligente pra sua idade, apesar de ter tido um ensino diferente ao de Jane Eyre, ela estudava em casa, o que continuava a ser algo bastante comum na sociedade vitoriana. Contudo, Maggie não tinha muito o apoio da família, sua mãe e tias achavam desnecessários certos conhecimentos. Já seu pai, ao mesmo tempo em que admirava a inteligência da sua filha, se queixando por Tom não ser igual, ele era influenciado pelo ponto de vista da era vitoriana sobre o conhecimento das mulheres, sempre dizendo que “Mas é ruim - é ruim”, acrescentou o Sr. Tulliver, tristemente, verificando essa exclamação culpável: “Uma mulher não tem negócios com ser tão inteligente, vai se transformar em problema, eu duvido, mas te abençoo” (ELIOT, 2000, p.20, tradução nossa).⁵

Wollstonecraft (2004) já falava sobre a importância da educação de forma igualitária, já que este era o principal obstáculo à emancipação feminina. Nas obras analisadas podemos

⁵ “But it’s bad - it’s bad,” Mr. Tulliver added, sadly, checking this blamable exultation, “A woman’s no business wi’ being so clever; it’ll turn to trouble, I doubt. But bless you!” (ELIOT, 2000, p.20).

observar bem esse obstáculo, no que diz respeito à educação obtida por Maggie, já que os membros da sua própria família não a apoiavam; Assim como esse fator foi de extrema importância para o desenvolvimento de Jane.

Outra característica semelhante às duas protagonistas era o desejo de liberdade, entretanto, elas agiam de formas diferentes. Maggie era movida pelas suas emoções, acreditava muito em si mesma, mas ao mesmo tempo queria agradar aqueles que amava, em especial seu irmão Tom. Após ter tido uma briga com Tom na infância, ela se tornou emocionalmente instável, fazia de tudo para agradar Tom, já que o amava com tanto fervor.

Como fora mencionado antes, a aparência de Maggie era sempre relacionada como algo negativo e muitas vezes ela foi comparada a uma cigana, por seus olhos escuros tão hipnotizantes, pela sua pele escura. Com isso, em certo momento que Tom sai para brincar com sua prima Lucy, dando total atenção, Maggie fica enciumada e joga sua prima na lama, depois disso foge em busca de viver com os ciganos, já que ela era sempre comparada a eles, achava que ao conviver com eles seria livre e poderia ser ela mesma. Novamente Maggie falhou, ficou amedrontada ao lado dos ciganos e viu o quanto eles eram excluídos da sociedade por levarem uma vida diferente do que se esperava naquele tempo, então ela resolveu voltar pra perto daqueles que amava.

Maggie conheceu Philip Wakem quando ele estudava com seu irmão e logo se afeioou a ele, pois poderia ser ela mesma e Philip a admirava justamente pelas coisas que muitos repudiavam, como seus olhos escuros e sua inteligência. Philip nem mesmo se importava com a curiosidade de Maggie em querer aprender mais, então ensinava pra ela tudo aquilo que ele aprendia. Maggie era mais hábil socialmente que Philip já que ele era visto como feminino, como notamos nesse trecho: "Mantido afastado de toda a vida prática como Philip tinha sido, e por natureza meio feminina na sensibilidade, ele tinha alguma repulsa intolerante feminina em direção as coisas mundanas [...]" (ELIOT, 2000, p.212, tradução nossa).⁶

Quando Tom descobriu o relacionamento da sua irmã com Philip, ele a proibiu de vê-lo novamente, então Maggie se entristeceu, mas decidiu não contrariar o irmão já que estavam com um relacionamento danificado e, também porque decide que a lealdade à família vem em primeiro lugar.

⁶ "Kept aloof from all practical life as Philip had been, and by nature half feminine in sensitiveness, he had some of a woman's intolerant repulsion towards worldliness [...]" (ELIOT, 2000, p.212).

Após alguns anos, Maggie passou uma temporada morando com sua prima Lucy e acabou conhecendo o namorado dela, Stephen Guest. Os dois rapidamente se apaixonam, mas nesse momento Philip também retorna e Maggie fica envolvida com ambos.

Eventualmente, Stephen e Maggie são incapazes de controlar seus sentimentos e os dois tentam fugir. Maggie tem uma crise de consciência e deixa Stephen após sua proposta de casamento, voltando para casa em desgraça já que recebeu toda a culpa pelo que tinha acontecido, ficando com sua reputação manchada.

Contrariamente à Maggie, a busca pela liberdade expressa por Jane Eyre é feita de forma mais racional. Jane deixou Lowood em busca dessa liberdade e foi para Thornfield Hall trabalhar como governanta de uma garotinha francesa. Ainda que estivesse muito bem acomodada, ao lado de pessoas boas, Jane ainda ansiava conhecer mais do mundo e, entre seus devaneios apresenta um discurso bem crítico sobre o papel da mulher na sociedade:

Supõe-se que as mulheres devem ser bem calmas, geralmente, mas elas sentem o mesmo que os homens. Precisam de exercício para suas faculdades mentais, e campo para os seus esforços, tanto quanto seus irmãos. Sofrem com restrições muito rígidas, com a estagnação absoluta, exatamente como os homens devem sofrer na mesma situação. E é uma estreiteza de mente de seus companheiros mais privilegiados dizer que elas devem ficar limitadas a fazer pudins, tricotar meias, tocar piano e bordar bolsas. É insensatez condená-las, ou rir delas, se procurarem fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou que é necessário ao seu sexo (BRONTË, 2010, p.102).

A busca pela liberdade dessas heroínas era permeada pelo sentimento de opressão das escritoras, que expressam suas angústias de forma que seja compreensível de forma mais profunda apenas pela audiência feminina, já que, de acordo com Gilbert e Gubar (1984), o processo de escrita era visto como algo essencialmente masculino, e para isso, as escritoras tiveram que transpor os limites do estereótipo feminino impostos pela sociedade patriarcal.

Jane educava Adele, protegida de Edward Rochester, um homem 20 anos mais velho que Jane, misterioso, orgulhoso. No dia que se conheceram, o comportamento destemido e questionador de Jane fez com que despertasse a atenção do Sr. Rochester. Jane não tinha medo de expor suas ideias para seu patrão, nas várias conversas que tiveram ela sempre mostrou que não aceitava ser vista como inferior por ser mulher, nem ficava satisfeita com menos do que sabia que merecia.

Eu não acho, senhor, que tenha o direito de me comandar só porque é mais velho do que eu, ou porque viu mais do mundo do que eu. O seu direito à superioridade depende do que fez com seu tempo e experiência (BRONTË, 2010, p.123).

Com o passar do tempo eles foram ficando mais próximos e um sentimento foi surgindo, o que era super normal naquela época, mas ainda bastante criticado por essa desigualdade social. Quanto mais o Sr. Rochester revelava fatos do passado pra Jane, ela ia ficando cada vez mais próxima e em um dado momento chegou a acreditar que o seu patrão se casaria com uma mulher que foi visitar a casa, foi então que Jane percebeu que o amava.

Ela recebeu a notícia de que seu primo havia falecido e sua tia estava muito doente então aproveitou para ir visitar e assim também fugir daquele ambiente em que via seu amado com outra mulher. Alguns dias depois, quando retornou para Thornfield Hall, seu patrão falou que estava com muitas saudades e acabou se declarando, pedindo-a em casamento, Jane por sua vez achava que seu patrão se casaria com outra mulher e é então que novamente ela apresenta um discurso extremamente feminista que mostra a igualdade dos gêneros, bem como fora expressa anteriormente por Wollstonecraft (2004) que apresenta a igualdade espiritual como uma forma de reivindicar os direitos das mulheres.

Acha que posso ficar para não representar nada para o senhor? Acha que sou um autômato, uma máquina sem sentimentos? E que posso suportar que me arrebatem dos lábios o pedaço de pão e derramem a minha taça de água fresca? O senhor pensa, que porque sou pobre, obscura, simples e pequena, que não tenho alma nem coração? Então está pensando errado! Tenho tanta alma quanto o senhor, e até mais coração! E, se Deus tivesse me dotado de alguma beleza e grande fortuna, tornaria tão difícil para o senhor deixar-me quanto para mim é difícil deixar o senhor. Não estou lhe falando através do costume, das convenções ou da carne mortal: é o meu espírito que se dirige ao seu, como se os dois houvessem passado pelo túmulo e agora estivessem aos pés de Deus, iguais – como somos (BRONTË, 2010, pp.225-226).

No dia do casamento, não chegaram a se casar, pois descobriram o grande segredo do Sr. Rochester: ele já era casado e mantinha sua esposa presa no sótão, pois ela tinha enlouquecido. Jane fica muito entristecida e foge, St. John Rivers a encontra debilitada e a leva para casa onde suas duas irmãs cuidam dela. Depois de um tempo descobre que seu tio tinha falecido e deixou uma herança pra ela e também acaba descobrindo que o St. John e suas duas irmãs eram seus primos, então decide compartilhar a herança com eles como uma forma de pagamento por terem acolhido ela em casa e por agora serem da família.

St. John decide partir pra Índia e propõe que Jane vá com ele como sua esposa, mas ela não o amava, então resolve ir visitar seu verdadeiro amor, pois já se passara um ano. Ao retornar pra Thornfield Hall, se depara com tudo em ruínas e descobre que tinha acontecido um incêndio, provocado pela esposa do Sr. Rochester, que se atirou do telhado e faleceu. Ao encontrar com seu amado, descobre que ao tentar salvar todos da casa, ele acabou ficando

cego e teve uma mão amputada, mas diante de tudo isso, o amor prevaleceu e eles se casaram finalmente. A ideia do casamento aqui exposta ainda foi uma crítica da autora, ao mostrar que sua heroína só alcançou a estabilidade do casamento ao conseguir uma independência financeira: “Agora sou uma mulher independente. Independente! O que quer dizer, Jane? Meu tio que morava na Ilha da Madeira morreu, e me deixou cinco mil libras” (BRONTË, 2010, p.383).

O fim da história de Maggie Tulliver não teve um final feliz como o de Jane Eyre. Embora Maggie se reconcilie com aqueles mais próximos a ela, ela é incapaz de fazer as pazes com Tom. Após um período de sofrimento emocional intenso para Maggie, ocorre o período de cheias dos rios locais, Maggie sai então para resgatar Tom e os dois reconciliam suas diferenças. Mas Tom e Maggie são afogados no dilúvio. Todos os outros personagens sobrevivem e seguem em frente com suas vidas. Tom e Maggie são enterrados juntos.

Que eles morram juntos pode ser uma imagem da velha sociedade (representada por Tom) desvanecendo-se como novos impulsos (representado por Maggie) tentam entrar. Quando Maggie resgata Tom, ela é representada como a parte mais forte: novos impulsos sendo mais fortes do que a velha e conservadora sociedade. Esses impulsos poderiam ser o início da melhoria da situação das mulheres, em matéria de educação e casamento. Desde que Maggie e Tom morrem, tanto o novo quanto o velho se afogam, o fim pode representar um novo começo, uma sociedade que incorpora aspectos do velho e do novo. Interpretado como esse, o final apresenta esperança e possibilidades (KOLLE, 2011, p.45, tradução nossa).⁷

4 Semelhanças e diferenças entre as personagens Jane Eyre e Maggie Tulliver

É necessário salientar que esse artigo insere-se no ramo dos Estudos Comparados, que é o estudo literário que confronta duas ou mais literaturas, na maioria das vezes, em textos de culturas e línguas diferentes, examinando a cultura e o contexto histórico-social para observar a semelhança entre elas. Partindo desse ponto, ao acompanharmos o enredo e analisarmos um pouco da personalidade forte das personagens principais das obras citadas, observa-se que mesmo sendo de autoras diferentes, apresentavam ideias iguais acerca do período em que

⁷ That they die together can be an image of the old society (represented by Tom) fading out as new impulses (represented by Maggie) try to enter. When Maggie rescues Tom she is represented as the stronger part: new impulses being stronger than the old, conservative society. These impulses could be the beginning of improvement in womens situation, in matters of education and marriage. Since both Maggie and Tom die, both the new and the old drowns, the ending can represent a new beginning, a society that incorporates aspects of both the old and the new. Interpreted like that, the ending poses hope and possibilities (KOLLE, 2011, p.45).

escreveram seus romances, o período vitoriano. Visto que a Literatura Comparada é uma área muito ampla e que não pode ser vista apenas como sinônimo de “comparação”, a análise feita nesse artigo é um estudo comparado, em outras palavras:

É bem verdade que, na crítica literária, usa-se a comparação de forma ocasional, pois nela comparar não é substantivo. No entanto, quando a comparação é empregada como recurso preferencial no estudo crítico, convertendo-se na operação fundamental da análise, ela passa a tomar ares de método – e começamos a pensar que tal investigação é um “estudo comparado” (CARVALHAL, 2006, p.7).

Sendo assim, como pretendemos analisar não só as semelhanças, mas também as diferenças entre as personagens, esse estudo comparado associa as atitudes de Jane e Maggie de acordo com a segunda fase da literatura de escrita feminina proposta por Showalter (1986), a fase feminista, tanto pelo tempo em que as obras foram escritas, como pela característica dessa fase que é marcada pelos protestos contra os valores patriarcais, defendendo seus próprios direitos e valores da minoria.

Como foi visto no decorrer desse artigo, na sociedade vitoriana as mulheres eram vistas como inferiores fisicamente e biologicamente aos homens, tinham suas vidas voltadas à esfera doméstica. Charlotte Brontë e George Eliot romperam esse paradigma criando heroínas que fugiam do padrão feminino da época. Ambas as personagens são capazes de controlar suas próprias vidas, buscando a felicidade que almejavam sem temer o que poderiam enfrentar, com isso fica claro a definição de Gilbert e Gubar (1984) sobre a mulher-anjo e mulher-monstro, vendo que Jane e Maggie são as representações de monstros femininos de bondade, mulheres que usavam seu sofrimento inevitável para “atacar” o enredo masculino.

Acima de tudo, as personagens estudadas, Maggie e Jane saíram favorecidas sobre os personagens masculinos das obras. Maggie era mais inteligente do que seu irmão Tom, mais hábil socialmente que Philip e foi mais sensata que Stephen. Jane por sua vez, em todos os ambientes em que viveu durante o decorrer da história, tinha alguma figura masculina opressora, mas ela não se rebaixou diante de nenhum.

A busca pela liberdade pode ser vista nas duas protagonistas, essa liberdade expressa em serem elas mesmas, e não o que a sociedade esperava de uma mulher naquela época é vista em Maggie de uma forma mais emocional. Maggie por muitas vezes deixou de seguir sua liberdade para ir em busca das pessoas que amava, o que não deixou de ser uma crítica da autora de forma mais indireta, já que sua heroína pelo menos tentava agir diferente, sem medo do que poderia acontecer.

Já em *Jane Eyre*, a busca pela liberdade é constante, feita de forma mais racional e com várias críticas bem diretas ao papel da mulher na sociedade vitoriana, tanto é que a obra foi bastante criticada na época por ser vista como uma afronta aos valores patriarcais.

Podemos observar também a crítica que as autoras fizeram acerca do casamento, a estabilidade em que muitas donzelas da época almejavam, não era visto como algo imprescindível para as heroínas estudadas, porém, elas não repudiavam isso, apenas acreditavam que o casamento tinha que acontecer por amor e não por fins econômicos. Tanto é que Jane só conseguiu se casar quando adquiriu a estabilidade financeira, enquanto Maggie poderia se casar com Philip, mas viu que seria errado, pois o coração dela pertencia a Stephen. O mesmo aconteceu com Jane ao recusar o pedido de casamento de St. John.

As duas personagens obtiveram o amor que tanto buscavam. Jane se casou com seu amado, mas ela não se tornou um anjo do lar totalmente submissa ao seu marido, pelo contrário, seu marido que precisava de total ajuda dela já que estava cego e amputado; Maggie preferiu renunciar o amor por Stephen pra ir atrás do seu irmão Tom, o que mostra um amor puro e verdadeiro.

Em suma, a autoria feminina, especificamente a fase feminista proposta por Showalter (1986) sofreu bastante preconceito, mas obteve um papel fundamental no século XIX, rompendo com a visão distorcida de que as mulheres eram frágeis, submissas, ignorantes, etc. Isso levou a uma reflexão sobre a identidade feminina no contexto da sociedade patriarcal, como fora apresentado por Wollstonecraft (2004), trazendo à tona todo o poder dessa nova geração de mulheres que lutavam pelos seus direitos, não aceitando serem vistas como inferiores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter realizado a análise que buscou constatar que as características e atitudes das personagens Jane e Maggie, assim como suas relações com alguns personagens da obra, remetem à fase feminista proposta por Showalter (1986), podemos concluir que durante todo o enredo estavam presentes alguns protestos contra os valores da época, tais como: Personalidade forte das personagens, rebeldia na infância e características físicas de alguém considerada feia na época, tudo isso para desconstruir a imagem de mulher angelical que tinham durante a era vitoriana; a crítica à educação desigual e o casamento por interesses

econômicos também nos possibilita enxergar a busca pela liberdade e igualdade entre os gêneros que as autoras expressaram através de suas personagens.

A literatura nos permite mergulhar e analisar um mundo novo, seja a partir de fatos reais ou fictícios, podemos encontrar as ideias e sentimentos de um autor, assim como o contexto histórico no qual está inserido. Com a análise realizada nessa pesquisa, foi possível notar o preconceito que as mulheres da sociedade vitoriana passaram para se inserir no campo literário, sendo preciso o uso de pseudônimos masculinos para ter suas obras publicadas.

Essa pesquisa tem grande relevância para os estudantes do curso de língua inglesa ou para amantes da literatura, pois, diferentemente de outras literaturas de períodos que só mostravam o retrato da sociedade, essas obras clássicas nos fazem observar de forma mais crítica os valores da época, bem como o desejo de liberdade das escritoras.

THE RESISTANCE TO PATRIARCH VALUES IN LITERATURE PRODUCED BY WOMEN: AN ANALYSIS BETWEEN THE CHARACTERS JANE EYRE AND MAGGIE TULLIVER

ABSTRACT

This article aims to analyze the protagonists Jane Eyre and Maggie Tulliver in the novels *Jane Eyre* (1847) and *The Mill on the Floss* (1860), in order to note that the characteristics of the protagonists refer to the second phase of the literature produced by women, the feminist phase, proposed by the American critic and essayist Showalter (1986). We assume the women's role in patriarchal society of the nineteenth century, as well as their insertion in the production of literature, so we can verify how some of the main representatives of the feminine writing literature in the Victorian Era are expressed, respectively, Gilbert e Gubar (1984) e Wollstonecraft (2004). Finally, the analysis enables us to see that during the whole plot of the novels, there were some protests against the values of the time, allowing us to know the historical moment in which the novels were written, as well as the criticisms of the authors to the current society.

Keywords: Feminine Writing. Patriarchal Society. Literature and Criticism.

REFERÊNCIAS

- BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre: An Autobiography**. São Paulo: Landmark, 2010.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2006.
- ELIOT, George. **The Mill on the Floss**. Vol. IX. Harvard Classics Shelf of Fiction. New York: P.F. Collier & Son, 1917; Bartleby.com, 2000.
- GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-century Literary Imagination**. 2. ed. Londres: Yale University Press, 1984.
- KOLLE, T. C. *Woman's struggle for autonomy: A reading of Jane Eyre, Wuthering Heights and The Mill on the Floss*. The Department of Literature, Area Studies and European Languages. University of Oslo. November, 2011.
- MONTEIRO, Maria Conceição. **Figuras Errantes na Época Vitoriana: A Preceptora, a Prostituta e a Louca**. Revista Fragmentos, V. 8, No I, Jul.-Dez, 1998, UFSC e In Revista Brasil de Literatura, Internet, 1998.
- SHOWALTER, Elaine. **A Literature of Their Own**. In: EAGLETON, M. Feminist literary theory: a reader. Cambridge, Mass.: Blackwell, 1986.
- WIECHMANN, Natalia Helena. **A crítica literária feminista e a autoria feminina**. Revista de letras e linguagens midiáticas. Ribeirão Preto, 2007.
- WOOLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Woman**. Edição revisada. Londres: Penguin Books, 2004.